

**CEDI****Povos Indígenas no Brasil**

Fonte:

*Journal do Brasil*

Class.:

Data:

*26.12.74*

Pg.:

**Atroaris deixam em  
estrada flechas que  
anunciam seu ataque**

Manaus (Correspondente) — Prenúncio de um novo ataque dos índios atroaris da região do rio Alalaú, flechas cruzadas — sinal de guerra — foram encontradas pelos trabalhadores que fazem o desmatamento necessário à abertura da BR-174, que ligará Manaus—Caracarái—Boa Vista e integra o sistema Brasília—Caracas.

A notícia foi trazida a Manaus pelos mateiros Néelson Pedrosa e Luís Santos, empregados de uma empreiteira, tratando logo de acrescentar que a hostilidade indígena é "contra os funcionários da Funai", os marupa (inimigos) na língua atroari. Os dois alegam que o problema são "as normas rígidas da Funai" que "conflitam com as leis tribais."

**FUNAI CONTESTA**

Esse conflito é exemplificado pelos empregados da empreiteira: os atroaris matam funcionários da Funai para proteger sua liberdade de trocar produtos de caça e pesca "por objetos mais valiosos que lhes são oferecidos pelos trabalhadores dos empreiteiros que não estão sujeitos às duras regras da Fundação."

Segundo Néelson Pedrosa e Luís Santos, os atroaris-waimiris aparecem de vez em quando em seus acampamentos "em missão de paz" procurando "Papai André" (o empreiteiro) e recebem "doativos"; falam pouco o português e fazem-se entender por sinais. "Eles não são perigosos mas não perdoam os que os tratam mal."

A Funai, entretanto, nega veracidade às afirmações dos mateiros de que os índios estariam em pé de guerra e informou que o sertanista Gilberto Pinto Figueiredo, responsável pelo controle da tribo, voltou ontem da região, onde deixou tudo em paz. Ele fez contato com vários chefes indígenas das regiões do Alalaú e do Camanaú, "inclusive com o lendário Maroaga, que se prontificou a conversar com o índio Comprido, que tem comandado os últimos ataques índios, para saber se seus guerreiros estão sendo insuflados."

Acrescentou porta-voz que existem dois chefes de grupos atroaris-waimiris com o mesmo nome: um Comprido que é casado com a filha de Maroaga e vive na região do Camanaú, outro chefia uma aldeia de 300 guerreiros na do rio Alalaú. E' este que tem comandado os massacres. "Trata-se de um grupo arredo" — diz o porta-voz — mas que pode ser facilmente controlado, sobretudo com a ajuda dos demais indígenas." A Funai desconfia ainda que os sinais de guerra de quem falam os mateiros foram colocados por eles próprios "para que pudessem ir passar o Natal em Manaus."